

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS - DCHT
COLEGIADO DE HISTÓRIA
CAMPUS EUNÁPOLIS

A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DE KELLY CYCLONE:
GÊNERO, MÍDIA E CRIMINALIDADE

WHITE PEREIRA COSTA JUNIOR

EUNÁPOLIS - BAHIA
2025

WHITE PEREIRA COSTA JUNIOR

**A CONSTRUÇÃO MUDIÁTICA DE KELLY CYCLONE:
GÊNERO, MÍDIA E CRIMINALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História da Universidade do Estado da Bahia como requisito de avaliação parcial para obtenção de título de graduação.

Prof. Me. João Victor Gome Varjão

EUNÁPOLIS - BAHIA

2025



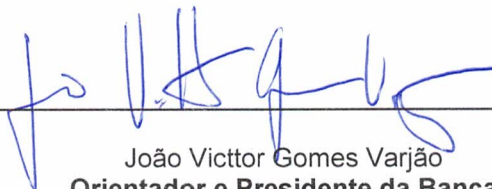
ATA DE DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 17 dias do mês de setembro do ano de 2025, reuniram-se os membros banca examinadora constituída pelos docentes Prof. Dr. Adriano da Silva Denovac, Prof. Ma. Lorena Michelle Silva dos Santos e pelo docente orientador Prof. Me. João Victor Gomes Varjão, para proceder a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "**Construção Midiática de Kelly Cyclone: Gênero, Mídia e Criminalidade**", do discente White Pereira Costa Junior como requisito curricular indispensável para a integralização do Curso de Licenciatura em História. Após reunião em sessão reservada, a Banca Examinadora deliberou e decidiu pela:

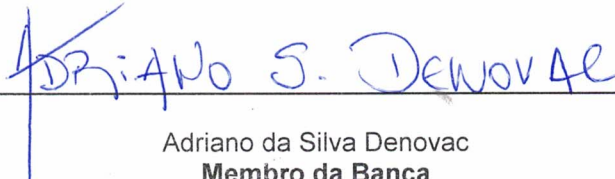
- Aprovação** da monografia, com média 9,0,
- Aprovação** da monografia com **restrições**, com média _____,
- Reprovação**,

Divulgando o resultado formalmente a discente e demais presentes e eu, na qualidade de Presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais examinadores e pelo aluno.

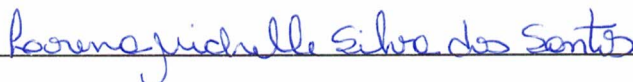
Eunápolis-Ba, 17 de setembro de 2025.



João Victor Gomes Varjão
Orientador e Presidente da Banca



Adriano da Silva Denovac
Membro da Banca



Lorena Michelle Silva dos Santos
Membro da Banca



White Pereira Costa Junior
Discente

DEDICATÓRIA

Especialmente, à minha mãe, Elizamar, por ser minha inspiração.

Aos familiares, pelo amor, dedicação e carinho.

Aos amigos, por acreditarem em mim, e me incentivarem nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor João Victor, meu orientador, pela paciência, orientação e incentivo ao longo deste processo.

Meu profundo reconhecimento aos professores da banca, Adriano Denovac e Lorena Santos, que, com seus conhecimentos e sugestões, enriqueceram este projeto.

Aos meus familiares, por todo o amor, compreensão e suporte incondicional que me deram durante esta jornada.

Aos meus amigos, pela paciência, pela troca de ideias e por tornarem a caminhada mais leve com os momentos de descontração.

Aos meus colegas de classe, pela colaboração e pela oportunidade de crescimento em equipe.

Agradeço, por fim, a todos que, de alguma forma, me apoiaram na realização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa analisou o processo de construção midiática da figura de Kelly Sales Silva, conhecida como Kelly Cyclone, e as implicações éticas e sociais de sua representação no noticiário policial baiano em 2011. O estudo teve como objetivo analisar como a mídia, tradicional e digital, contribuiu para a formação de um fenômeno midiático a partir de uma figura feminina no tráfico de drogas. A metodologia utilizada foi a análise do discurso para compreender como as narrativas midiáticas produzem sentidos, reforçam relações de poder e moldam a percepção pública sobre criminalidade, gênero e marginalidade. O acervo de pesquisa foi composto por cinco textos midiáticos de diferentes fontes digitais e televisivas, como o Jornal Bahia Já, o Jornal A Tarde, o Jornal da Record, o Jornal BNews e o portal Salobro Bahia, todos datados de julho a setembro de 2011, período de grande cobertura sobre a morte de Kelly Cyclone. A análise também adotou uma perspectiva interseccional para examinar como marcadores sociais como raça, gênero e classe se entrelaçam na representação da figura de Kelly. Os resultados evidenciaram que a mídia não apenas reportou os fatos, mas atuou como um dispositivo discursivo que transformou Kelly Cyclone em uma personagem pública, reforçando estereótipos e mercantilizando a violência. A cobertura sensacionalista de sua vida e morte, incluindo a divulgação de imagens de seu corpo no IML, demonstrou a espetacularização da violência e a lógica necropolítica que desumaniza e expõe corpos de mulheres, negros e periféricos como objetos de consumo, e não de luto.

Palavras-chave: Mídia; Gênero; Tráfico; Necropolítica; Espetacularização.

ABSTRACT

This research analyzed the process of media construction of the figure of Kelly Sales Silva, known as Kelly Cyclone, and the ethical and social implications of her representation in the Bahian police news in 2011. The study aimed to analyze how traditional and digital media contributed to the formation of a media phenomenon from a female figure in drug trafficking. The methodology used was discourse analysis to understand how media narratives produce meanings, reinforce power relations, and shape public perception of criminality, gender, and marginality. The research corpus consisted of five media texts from different digital and television sources, such as Jornal Bahia Já, Jornal A Tarde, Jornal da Record, Jornal BNews, and the Salobro Bahia portal, all dated from July to September 2011, a period of extensive coverage of Kelly Cyclone's death. The analysis also adopted an intersectional perspective to examine how social markers such as race, gender, class, and criminality intertwine in the representation of Kelly's figure. The results showed that the media not only reported the facts but also acted as a discursive device that transformed Kelly Cyclone into a public figure, reinforcing stereotypes and commodifying violence. The sensationalist coverage of her life and death, including the dissemination of images of her body in the IML, demonstrated the spectacularization of violence and the necropolitical logic that dehumanizes and exposes the bodies of women, black people, and those from peripheral areas as objects of consumption, not of mourning.

Keywords: Media; Gender; Trafficking; Necropolitics; Spectacularization.

SUMÁRIO

1. Introdução	09
2. Metodologia	12
3. Da Pessoa à Personagem: os primeiros registros midiáticos	14
4. A Fomentação da Mídia na Produção do Discurso.....	18
5. Gênero e Tráfico	20
6. Morte e Espetacularização do Corpo Feminino	24
7. Considerações Finais	30
8. Referências Bibliográficas	32

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o tráfico de drogas é um desafio peculiar para qualquer historiador sensível ao impacto social desse fenômeno. Trata-se de um tema marcado pela violência, que atravessa diferentes classes e transforma pessoas em lendas ou vítimas. Ao longo da história recente, a mídia, tanto impressa quanto televisiva, desempenhou um papel fundamental na construção de figuras ligadas ao narcotráfico, consolidando nomes que se tornaram amplamente conhecidos. Contudo, esse cenário sempre foi predominantemente masculino, e a presença feminina, quando noticiada, geralmente estava associada a relações afetivas ou laços familiares com traficantes. Foi nesse contexto que, em 2011, surgiu no noticiário policial Kelly Sales Silva, natural de Lauro de Freitas, na região metropolitana de Salvador. Conhecida como Kelly Cyclone ou Kelly Doçura, ela passou a ganhar notoriedade em um ambiente amplamente dominado por homens, em grande parte devido à sua presença constante em programas de grande audiência na Bahia. A história de Kelly Cyclone se tornou um fenômeno midiático, alimentado por sua exposição pública e pela forma como foi representada pela imprensa, que chegou a chamá-la de "Rainha do Pó" ou "Dama do Pó", títulos circunscritos ao cenário local. Sua trajetória levanta reflexões sobre o papel da mídia na construção de narrativas contemporâneas e sobre como figuras ligadas à criminalidade podem ser transformadas em ícones populares, transcendendo a mera condição de envolvimento no crime.

A pesquisa sobre a trajetória de Kelly Sales Silva, conhecida como *Kelly Cyclone*, insere-se no campo da História do Tempo Presente, ao investigar um fenômeno recente que articula mídia, violência e gênero. A partir da perspectiva da História Pública, busca-se compreender como a imprensa e as redes sociais contribuíram para transformar uma figura do cotidiano em fenômeno midiático, revelando a força da narrativa pública na construção de memórias coletivas. Este trabalho parte de um locus de enunciação situado no contexto baiano, marcado por desigualdades sociais e pela influência midiática na formação de identidades periféricas.

Segundo o *Jornal Bahia Já*¹ Kelly Cyclone esbanjava uma vida de luxo e ostentação no mundo crime, se tornando uma “celebridade” midiática após a repercussão de um vídeo em que ela é presa porque promoveu uma festa que o principal objetivo era o consumo do “pó” (cocaína). A partir desse momento, Kelly passou a ser vista como uma figura de admiração na “quebrada”². Mesmo quando negava, em suas primeiras aparições em programas de televisão, qualquer vínculo com o tráfico, ela não perdeu popularidade. Ao contrário: recebeu uma homenagem da banda de pagode local A Bronka, que compôs músicas para exaltá-la. Essa visibilidade se somava à fama que já tinha como integrante mais conhecida do grupo de dança Bonde da Cyclone. O nome do grupo remetia a uma marca de roupas estigmatizada, frequentemente associada à criminalidade e à marginalidade. Kelly incorporou essa ideia e adotou “Cyclone” como sobrenome artístico, reforçando sua identidade pública

O *Jornal Bahia Já*³ declara que ao conhecer a sua história, pode justificar que as causas que motivou sua entrada no mundo do tráfico de drogas foi a separação de seus pais, que essa situação foi o ponto crucial para a sua escolha. Kelly em toda sua curta vida mostrou como o poder facilitaria as coisas, se envolvendo em romances com traficantes até começar a namorar com o chefe do tráfico daquela localidade, acreditava que poderia alcançar o respeito daqueles que a envolvia com mais facilidade. Consequentemente após a sua inserção ao tráfico de drogas, evidencia situações importantes de serem analisadas: primeiro ponto é como a mídia promove popularidade imediata a uma pessoa até então desconhecida; segundo ponto é o que a figura faz com essa notoriedade a ponto de tentar se tornar uma figura política⁴, assim como é apresentado no artigo do jornal citado acima.

Apesar de toda essa fama criada pela mídia e por ela mesmo em postagens na rede social Orkut⁵ (rede social da época), considerada pelos veículos

¹<http://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2011/07/26/kelly-cyclone-a-midia-e-os-vendedores-de-noticias-po-r-jaciara-santos.38892.0.html> acesso: 11/09/2019

² “**Quebrada**” é uma gíria local que significa: vizinhanças; localizadas em periferias urbanas.

³<http://www.bahiaja.com.br/artigo/2011/07/26/kelly-cyclone-a-midia-e-os-vendedores-de-noticias.619.0.html> Acesso: 22/08/2019

⁴ Segundo reportagens publicadas pelos jornais *Bahia Já* e *Correio24Horas*, Kelly Cyclone teria manifestado a intenção de utilizar sua notoriedade pública para se candidatar ao cargo de vereadora nas eleições de 2012 em Salvador, tendo como principal bandeira o combate às drogas.

⁵ O orkut foi um site (www.orkut.com) que funcionava como uma rede virtual de relacionamento fundada no início de 2004 por um funcionário do Google, o programador Orkut Buyukkokten.

de comunicação do período como a primeira *influencer digital* da época, influenciando diversos jovens a seguirem os estilos adotado por Kelly, considerado como “Vida Louca”⁶. O jornal Salobro⁷ Bahia em um de seus artigos apresenta um diálogo importante entre Kelly Cyclone em entrevista ao Bocão News: “Eu quero mudar minha imagem porque eu não aguento mais. Creio em Deus que tudo vai mudar. Porque quem não deve não teme, e quem deve é que tem que se esconder”⁸. Sua breve vida foi marcada daquilo que presenciamos cotidianamente nos filmes *hollywoodianos*, onde muitos personagens e impérios chegam do seu apogeu ao declínio, isso não foi diferente na vida de Kelly Sales Silva. A ostentação, o *glamour* e a vida desregrada no submundo das drogas a fizeram sucumbir. Porém desfecho sobre sua morte ainda é uma incógnita, segundo o jornal Correio 24 Horas⁹ os suspeitos de seu assassinato ainda continuam soltos e outros foram absorvidos pela justiça, tornando evidente a impunidade que há no Brasil. O Correio 24 Horas cita o seguinte trecho no mesmo artigo: “A família Sales, no entanto, sempre afirmou que a jovem de 22 anos teria sido vítima de um crime passional - no que hoje é conhecido como feminicídio. Só restaria saber qual dos amores ou “ex-amores” dela teria orquestrado o assassinato”¹⁰. Uma outra versão dos investigadores é que ela tinha muitos rivais no tráfico, o que não descarta a possibilidade de uma briga de facções.

O jornal online Correio 24 Horas noticiou que, após a morte de Kelly Cyclone, diversos vídeos foram gravados e posteriormente divulgados, mostrando seu corpo seminu, com marcas evidentes de violência, dentro do Instituto Médico Legal (IML). A divulgação desse material gerou grande repercussão e indignação, levantando questionamentos sobre a ética e a responsabilidade dos profissionais envolvidos. Diante da gravidade do ocorrido, funcionários do IML foram afastados por conta dessa conduta altamente inadequada e desrespeitosa.¹¹

⁶ É uma expressão que significa que uma pessoa é ousada, que não tem limites ou age por impulso.

⁷ [Kelly Cyclone revela detalhes sobre fama de “patroa do tráfico” ao Bocão News. \(salobro.com\)](http://salobro.com) Acesso: 22/10/2020

⁸ www.bocaonews.com.br Acesso: 10/08/2022

⁹ [Ocorrido há 10 anos, assassinato de Kelly Cyclone segue sem solução - Jornal Correio \(correio24horas.com.br\)](http://correio24horas.com.br) Acesso: 12/11/2022

¹⁰ [Ocorrido há 10 anos, assassinato de Kelly Cyclone segue sem solução - Jornal Correio \(correio24horas.com.br\)](http://correio24horas.com.br) Acesso: 20/11/2022

¹¹ [Ocorrido há 10 anos, assassinato de Kelly Cyclone segue sem solução - Jornal Correio \(correio24horas.com.br\)](http://correio24horas.com.br) Acesso: 21/11/2022

Esse episódio expõe não apenas a fragilidade dos protocolos de segurança dentro de instituições que deveriam prezar pela dignidade dos falecidos, mas também o sensacionalismo que cerca casos de grande notoriedade. A exposição indevida do corpo de Kelly Cyclone reflete uma cultura que, muitas vezes, ultrapassa os limites do respeito e da privacidade em busca de cliques e audiência. Portanto o objetivo desta pesquisa é analisar o processo pelo qual a mídia, tanto a tradicional quanto a digital, contribuiu para a formação de uma narrativa contemporânea, a partir de uma figura feminina no tráfico de drogas, e as implicações éticas e sociais dessa representação. A relevância desse tema reside na oportunidade de aprofundar o debate sobre a influência midiática na sociedade, a mercantilização da violência e a urgente necessidade de discutir a dignidade humana, mesmo após a morte, como evidenciado pelo sensacionalismo que marcou o fim trágico de Kelly Sales Silva.

METODOLOGIA

A mídia tem um papel importante na criação e manutenção de figuras representativas por meio de um discurso moldável para situações que são promovedoras de audiência, com o objetivo de prender a atenção do público, especialmente em contextos de espetacularização da violência. No caso desta pesquisa, o objeto de análise são as narrativas sobre a vida de Kelly Sales Silva, popularmente conhecida como Kelly Cyclone (1988-2011), cuja imagem foi amplamente disseminada por veículos de comunicação após sua morte em Salvador, no ano de 2011. Para compreender os sentidos produzidos sobre Kelly, optou-se pela análise do discurso, fundamentada no autor Michel Foucault (2008).

O discurso é um suporte que sustenta os mais variados textos, escritos ou não, que circulam em uma sociedade. Por meio da sua análise é possível investigar tanto o que o texto diz e como diz, como por que ele diz isto ou aquilo. Desse modo, ao analisar o discurso, o analista está diante da questão de como o discurso interage com a situação que o criou. Sua análise relaciona o campo da língua e o campo da sociedade – este apreendido pela história e pela ideologia –, colocando os processos discursivos na fonte da produção dos sentidos e a língua como o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido.¹²

¹² TRINDADE, Eneida dos Santos. **Modos de leitura em jornais digitais: Uma análise discursiva do papel interativo do leitor**. Sergipe, Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 46

A pesquisa baseia-se em um corpus de cinco textos midiáticos que abordam a trajetória de Kelly, suas supostas conexões com o tráfico e as formas como foi representada enquanto mulher. As fontes, provenientes de diferentes veículos digitais e televisivos, incluem: o Jornal Bahia Já (“Kelly Cyclone, a mídia e os vendedores de notícias”, 2011); o Jornal A Tarde (“Kelly Cyclone foi ameaçada um mês antes de morrer”, 2011); uma reportagem do Jornal da Record (reproduzida pelo UOL/A Tarde); o portal BNews (“Kelly Cyclone revela detalhes sobre fama de patroa do tráfico”, 2011); e o Salobro Bahia (“Kelly Cyclone é assassinada no...”, 2011).

A seleção dos materiais foi guiada por três critérios principais: 1) abordagem direta da figura de Kelly Cyclone; 2) circulação relevante e ampla nas mídias locais ou nacionais; e 3) potencial de análise discursiva envolvendo gênero, violência, representação e criminalização. O período considerado vai de julho a setembro de 2011, compreendendo o auge da cobertura sobre sua morte.

A análise do discurso foi escolhida como método por sua capacidade de revelar não apenas os conteúdos explícitos do texto, mas também os mecanismos de poder que operam na produção dos sentidos. Com base em Michel Foucault (2008), compreendemos o discurso como prática social que produz efeitos de verdade e atua como dispositivo de poder. Nesse sentido, compreender o papel da mídia torna-se fundamental, pois ela participa ativamente da produção e difusão de discursos que sustentam e reforçam relações de poder. Ao selecionar, enquadrar e repetir determinadas narrativas, a mídia contribui para a legitimação de certas “verdades” e para a marginalização de outras, reproduzindo desigualdades e consolidando normas sociais. Assim, os enunciados sobre Kelly não apenas a descrevem, mas produzem sua imagem pública, reforçando normas de gênero, criminalidade e marginalidade.

Além disso, este trabalho adota a interseccionalidade como eixo transversal, orientando a análise das articulações entre raça, gênero, classe e criminalidade. A figura de Kelly, como mulher pobre e periférica associada ao tráfico, permite refletir sobre como discursos midiáticos reforçam estigmas e violências simbólicas contra sujeitos subalternizados. A interseccionalidade é, portanto, indispensável para compreender os múltiplos marcadores sociais que operam na construção dessa representação. Como destacam Crenshaw (2002) e Akotirene (2019), a interseccionalidade permite compreender as múltiplas formas de opressão

que incidem sobre mulheres negras e periféricas, evidenciando como gênero, classe e raça se entrelaçam na produção da desigualdade social. Collins (2019) reforça que essa análise é essencial para romper com os discursos hegemônicos que naturalizam as violências simbólicas e institucionais.

A pesquisa também dialoga com os apontamentos de Trindade (2015)¹³, que em modos de leitura em jornais digitais analisa o papel interativo dos leitores nos ambientes online. A autora destaca como o leitor contemporâneo participa ativamente da circulação dos discursos midiáticos, o que contribui para ampliar a reflexão sobre os efeitos sociais da cobertura sobre Kelly.

Dessa forma, a metodologia proposta integra múltiplas perspectivas teóricas e empíricas para compreender como os discursos sobre Kelly Cyclone foram produzidos, reproduzidos e legitimados pela mídia, revelando efeitos de poder e regimes de verdade presentes na sociedade baiana do período. Após coleta de informações houve uma relação entre as fontes adquiridas e as referências bibliográficas, construindo assim esse presente trabalho. De maneira geral esse artigo mostra uma realidade perceptível no estado da Bahia que é a criminalidade, mas envolvendo o objeto de estudo que é a vida de Kelly Cyclone, que esteve boa parte de sua curta vida neste meio conflituoso. Estas relações proporcionam um estudo importante e necessário para a posterioridade

DA PESSOA À PERSONAGEM: OS PRIMEIROS REGISTROS MIDIÁTICOS

A análise do discurso é fundamental na construção da personalidade, neste caso foi analisado meios como a representatividade construída pela população e o poder da mídia na elevação da figura. Segundo Gregolin¹⁴, a mídia tem o poder de criar o sujeito, essa força vem pela adoção da população por determinada notícia. O discurso midiático muitas vezes pode transformar mentira em verdade ou vice-versa, de criar figuras e transformá-las em ídolos, emitir casos importantes para a população da forma que quiser. Deixando claro que as razões motivadoras na construção de um discurso é o desejo de cativar um determinado público ganhando assim a sua audiência.

¹³TRINDADE, Eneida dos Santos. Modos de leitura em jornais digitais: Uma análise discursiva do papel interativo do leitor. Sergipe, Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 46

¹⁴GREGOLIN, Maria do Rosario. Análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades. São Paulo, Universidade Estadual Paulista. 2007, p. 16

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Podemos enxergar essa rede de discursos tomando alguns exemplos de propagandas, veiculadas na grande mídia brasileira, com base nas quais institui-se a subjetivação tanto nas práticas que propõem a modelagem do corpo como na construção dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros. Articuladas a outros enunciados que com elas dialogam nos meios de comunicação, essas propagandas são verdadeiros dispositivos por meio dos quais instalam-se representações, forjam se diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade.¹⁵

O tráfico de drogas na Bahia é frequentemente abordado pela mídia, que molda a percepção do público por meio de diferentes narrativas. Trindade (2015) afirma que “um texto enunciado publicamente pode possuir diferentes significados, dependendo da época, da localização geográfica em que está inserida ou da formação sociocultural de quem o profere ou o recebe, gerando muitas maneiras de significar.”¹⁶ Nesse sentido, a forma como a imprensa retrata a morte de indivíduos ligados ao tráfico pode influenciar a interpretação dos fatos, muitas vezes enfatizando apenas a escolha pessoal e ignorando fatores estruturais, como a desigualdade social e as barreiras ao mercado de trabalho para populações marginalizadas.

A simplificação de questões complexas pelo discurso midiático não apenas reforça estereótipos, mas também obscurece a responsabilidade do Estado e da sociedade na construção dessas realidades. Enquanto a narrativa predominante foca na responsabilização individual, muitas vezes há pouca ênfase em um debate mais amplo sobre os fatores sociais e econômicos que levam parte da população a se envolver com o tráfico, especialmente em comunidades com poucas oportunidades.

A imagem de Kelly Cyclone foi amplamente moldada pela televisão e por jornais online, tornando sua morte um tema de grande repercussão. Cada etapa da investigação de seu assassinato recebeu cobertura extensa, gerando múltiplas narrativas sobre sua trajetória. Alguns questionam essa exposição midiática, argumentando que a visibilidade dada à jovem poderia influenciar outras garotas a

¹⁵ GREGOLIN, Maria do Rosario. **Análise do discurso e mídia: a reprodução de identidades**. São Paulo, Universidade Estadual Paulista. 2007, p.18

¹⁶TRINDADE, Eneida dos Santos. **Modos de leitura em jornais digitais: Uma análise discursiva do papel interativo do leitor**. Sergipe, Universidade Federal de Sergipe, 2015, p. 45

se envolverem nesse “comércio subjetivo”. Na época, o cantor Igor Kannário, que continua em atividade, lançou uma música em sua homenagem, incluindo o verso: “Bandida, mocinha, eu não sei”. A letra reflete a incerteza de muitos sobre sua história, um debate também presente na cobertura jornalística daquele período.

Um artigo publicado pelo jornal online Correio 24 Horas¹⁷ traça a trajetória de Kelly, desde sua infância até a figura que se tornou conhecida. Segundo a publicação, ela era uma adolescente introspectiva, com dificuldades de socialização e tendências depressivas, chegando a ser descrita como “bicho do mato”, expressão usada no próprio artigo. Sua rotina era tranquila até que, de forma abrupta, adotou um novo estilo de vida, passando da “brisa para o ciclone”. De acordo com familiares, essa transformação foi impulsionada pela separação de seus pais.

O chefe de reportagem Jorge Gauthier¹⁸ que cobriu o assassinato da jovem no ano de 2011 diz que um dos motivos de Kelly entrar no mundo das drogas foi a falta de oportunidade no mercado de trabalho, mesmo concluindo o ensino médio com média agradável e ter uma boa oratória não foi o suficiente para ser recrutada nas inúmeras vagas em que foi candidata, Gauthier afirma que essa falta de oportunidade era devido ao preconceito com os moradores das periferias e se as portas fossem abertas o destino de Kelly poderia ser diferente. Apesar de que a principal causa da criminalidade não está relacionada à pobreza em si, mas na disparidade entre ricos e pobres num mesmo lugar, isso deixa claro o porquê do Brasil possuir uma média de homicídios superior a muitos países, até entre nações que estão em guerra.

O conceito de pobreza é polissêmico e pode ser definido de diversas formas. A pobreza que nos referimos neste estudo é àquela produzida e reproduzida pelo sistema capitalista e que tem como antônimo a riqueza material. Assim, a pobreza quando polarizada pela riqueza é produtora das desigualdades sociais e de um conjunto de formas de exclusões, que priva parte da população de direitos sociais, garantidos por lei.¹⁹

De acordo com o jornal GNN, em um artigo publicado em 2013: “O Brasil detém também o título de campeão mundial da desigualdade social, conferido pelo

¹⁷[Do pó à fama: como Kelly Cyclone se tornou a primeira digital influencer baiana - Jornal Correio \(correio24horas.com.br\)](https://www.correio24horas.com.br) Acesso 18/10/2022

¹⁸[Do pó à fama: como Kelly Cyclone se tornou a primeira digital influencer baiana - Jornal Correio \(correio24horas.com.br\)](https://www.correio24horas.com.br) Acesso 18/10/2022

¹⁹5 MAYO, Claudenice Teixeira Cerqueira. **O ADOLESCENTE POBRE E O ENVOLVIMENTO COM O TRÁFICO DE DROGAS EM SALVADOR-BA**. Salvador-BA, 2016. Dissertação. Universidade Federal da Bahia, 2016, p. 49.

Banco Mundial, divulgando um estudo informando que os 20% mais ricos concentram mais de 32 vezes mais renda do que os 20% mais pobres."²⁰ Esse cenário evidencia como a exclusão social e a falta de oportunidades contribuem diretamente para o ingresso de adolescentes na criminalidade, levando-os desde pequenos furtos até delitos mais graves como tráfico de drogas e homicídios. Essa realidade, por sua vez, alimenta a audiência de programas televisivos e jornais online, atraindo milhares de telespectadores fascinados por essa temática violenta, e transformando criminosos em figuras conhecidas e até populares perante a grande massa."

A desigualdade social no Brasil nunca gerou de classes (apesar dos levantes estudantis nas décadas de 1960 e 1970), mas atualmente gera muita violência. Tem se buscado resolver esse problema apontando-se para o fato de que ele guarda uma estreita relação com o aumento dos índices de criminalidade. Tal correlação gera as soluções baseadas na força e na violência do Estado, montado em seu aparato policial, orientado contra os pobres, que são assim "pacificados" por meio do arbítrio e da coerção dos "homens da lei". São exatamente aqueles agentes que mais precisam dos cuidados do Estado que ficam à mercê de uma corporação violenta e que muitos casos aderem ao ilícito, utilizando-se de prerrogativas da lei para melhor exercê-lo.²¹

A violência pode ser considerada algo comum na atualidade onde a constante briga por poder entre traficantes se torna algo corriqueiro em reportagens na televisão, muitas vezes podemos acompanhar a cronologia completa de uma figura do crime de sua ascensão à queda, fato que não foi diferente na vida de Kelly Cyclone. Para a mídia não era comum uma mulher usufruir uma notoriedade no tráfico de drogas, normalmente essa participação feminina se dava por meio de laços afetivos (amoroso ou familiar), porém essa relação transcende a isso.

São muitos autores que tratam essa situação de forma clara, buscando identificar as principais causas da desigualdade social em grande parte do Brasil, que passam despercebidos pelos principais responsáveis que não enxergam as mazelas perceptíveis no território nacional. A desigualdade não está somente na economia neoliberalista nacional, mas também em grupos criminosos, os "bem-sucedidos" no mundo crime possuem uma riqueza imensurável, enquanto outros continuam na miséria, ganhando o suficiente para alimentação.²²

²⁰ [A relação entre desigualdade e criminalidade - GGN \(jornalggn.com.br\)](http://jornalggn.com.br) Acesso: 17/10/2022

²¹ OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **O processo "barbarizador": reflexões sobre a desigualdade e a violência urbanas no Brasil.** Coimbra, 2004, p. 5

²² OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **O processo "barbarizador": reflexões sobre a desigualdade e a violência urbanas no Brasil.** Coimbra, 2004, p. 5

A desigualdade social pode estar atrelada em sua breve existência, o que não oculta a figura representativa criada pela mídia, segundo o jornal Salobro Bahia²³ em um artigo publicado relata que a compra pela marca Cyclone aumentou após a morte da jovem Kelly. Em algumas regiões periféricas os grupos marginalizados são separados pela marca que usa, às vezes a distinção do outro se dá pela roupa que está usando, se é rival ou não, o famoso “alemão”²⁴.

A vida de Kelly foi marcada por “festas do pó”, fotos sensuais e armada, mostrando para a sua vizinhança o que é poder para ela. Para o Salobro Bahia²⁵, em seu artigo, a jovem não imaginava a proporção que essas ações iriam tomar, indo ao Bocão News se justificar sobre a fama adquirida, negando tudo e dizendo que iria provar aquilo era um mal-entendido. Após sua ida na televisão ela diz em mais uma entrevista: “Toda festa que eu vou o povo sempre quer falar comigo e tirar foto. Antes o povo só me conhecia pelo Orkut, agora as pessoas sabem que eu passei no Se Liga Bocão”²⁶. A quem dúvida, mas essas aparições constantes na televisão foi o fator primordial para ela alavancar no mundo do crime, ganhar adeptos, fama, dinheiro, poder e conseqüentemente o seu fim está relacionado a tudo isso.

A FOMENTAÇÃO DA MÍDIA NA PRODUÇÃO DO DISCURSO

A mídia teve uma participação fundamental para o fornecimento de fontes e de discursos criados na vida de Kelly Cyclone. A criação da imagem de Kelly passou pela moldagem da televisão, sendo motivo de repercussão a sua morte, ganhando vários episódios cada passo da investigação de seu assassinato. Segundo Gregolin (2007) relata que “a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento.”²⁷

O discurso tem um poder de transformar mentira em verdade, de criar figuras e transformá-las em ídolos, de fazer versões de casos de grande

²³ [Kelly Cyclone revela detalhes sobre fama de “patroa do tráfico” ao Bocão News. \(salobro.com\)](#)
Acesso: 22/10/2020

²⁴ Para os Morros Cariocas, "ALEMÃO" significava "INIMIGO", dito no sentido de ser uma facção rival ou vinda de algum outro morro vizinho, no controle do tráfico local.

²⁵ [Kelly Cyclone revela detalhes sobre fama de “patroa do tráfico” ao Bocão News. \(salobro.com\)](#)
Acesso: 22/10/2020

²⁶ www.bocaonews.com.br Acesso: 10/08/2022

²⁷ GREGOLIN, Maria do Rosario. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. São Paulo, Universidade Estadual Paulista. 2007, p. 16

repercussão da maneira que a emissora pretende emitir. Deixando claro que as razões motivadoras na construção de um discurso é o desejo de cativar um determinado público ganhando assim a sua audiência.

Os discursos veiculados pela mídia, baseados em técnicas como a confissão (reportagens, entrevistas, depoimentos, cartas, relatórios, descrições pedagógicas, pesquisas de mercado), operam um jogo no qual se constituem identidades baseadas na regulamentação de saberes sobre o uso que as pessoas devem fazer de seu corpo, de sua alma, de sua vida. Podemos enxergar essa rede de discursos tomando alguns exemplos de propagandas, veiculadas na grande mídia brasileira, com base nas quais institui-se a subjetivação tanto nas práticas que propõem a modelagem do corpo como na construção dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres na sua relação com os outros. Articuladas a outros enunciados que com elas dialogam nos meios de comunicação, essas propagandas são verdadeiros dispositivos por meio dos quais instalam-se representações, forjam se diretrizes que orientam a criação simbólica da identidade.²⁸

Esse trecho mostra como a mídia não apenas informa, mas também forma subjetividades e determina como os indivíduos devem se comportar, especialmente em relação aos seus corpos, desejos e papéis sociais. Através de discursos repetidos em reportagens, propagandas e entrevistas, são impostos padrões de aparência, conduta e valores que moldam a identidade das pessoas, principalmente das mulheres e das classes populares. Ao reforçar estereótipos sobre o que é ser “correto”, “aceitável” ou “bem-sucedido”, a mídia assume um papel disciplinador, com poder simbólico semelhante ao do Estado. Como apontam estudos sobre mídia e poder, esses discursos organizam o espaço social, legitimam desigualdades e produzem normas sobre quem merece visibilidade e quem deve ser marginalizado. Assim, o que parece apenas entretenimento ou informação também é uma forma de controle e exclusão.

Segundo Trindade (2015) afirma que “um texto enunciado publicamente pode possuir diferentes significados, dependendo da época, da localização geográfica em que está inserida ou da formação sociocultural de quem o profere ou o recebe, gerando muitas maneiras de significar.”²⁹ O tráfico de drogas tem uma grande participação no cenário midiático, principalmente para o público que acompanha essa temática, de fato a mídia, neste caso a da Bahia, criam versões sobre um crime para agradar a massa. Ao colocar a responsabilidade da morte de

²⁸ GREGOLIN, Maria do Rosario. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. São Paulo, Universidade Estadual Paulista. 2007, p. 18

²⁹ TRINDADE, Eneida dos Santos. **Modos de leitura em jornais digitais: Uma análise discursiva do papel interativo do leitor**. Sergipe, Universidade Federal de Sergipe, 2015, p.14.

um traficante em suas escolhas, escondem a desigualdade social presentes, a dificuldade para entrar no mercado de trabalho, pelo fato de ser negro morador de zona periférica.

GÊNERO E TRÁFICO

Difícilmente, em um ambiente marcado por uma forte presença masculina, como o do tráfico de drogas, especialmente no contexto baiano, uma mulher alcança notoriedade capaz de rivalizar com figuras masculinas. No entanto, a trajetória de Kelly Cyclone rompeu esse padrão ao projetar-se como uma personagem de destaque no cenário do crime em Salvador, em 2011. Sua atuação e exposição pública conferiram-lhe uma forma singular de representatividade feminina, transformando-a em uma figura de grande visibilidade na mídia local. Essa projeção fez com que ultrapassasse as fronteiras da marginalidade e se tornasse objeto de admiração e curiosidade em diferentes camadas sociais, revelando as complexas relações entre gênero, poder e reconhecimento no contexto urbano contemporâneo.

Este retorno a Marcel Mauss e Emile Durkheim e à noção de "representação coletiva" autoriza a articular, sem dúvida melhor que o conceito de mentalidade, três modalidades de relação com o mundo social: de início, o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade; em seguida, as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais "representantes" (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe.³⁰

Em um ambiente que é comum a participação e liderança masculina, neste caso o tráfico de drogas, as mulheres conseguiam espaço, em alguns casos, por meio de algum relacionamento afetivo com traficantes, então "a inserção e a participação de mulheres no tráfico de drogas são, de formas diversas, influenciadas pela relação estabelecida com homens na atividade."³¹ Raramente encontraria alguma mulher que seguiu um caminho diferente para se instaurar nesse meio e

³⁰ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo. Editora: Estudos Avançados vol.5, 1991, p. 183

³¹ BARCINSKI, Mariana. **Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina**. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p, 55

conseguir uma posição elevada no mundo do crime. “Dessa forma, a análise da criminalidade feminina está intimamente relacionada à criminalidade masculina.”³²

Apesar do expressivo aumento da criminalidade feminina no Brasil, especialmente da participação de mulheres no tráfico de drogas, esse cenário ainda não justifica um proporcional interesse acadêmico pelo tema. A partir de uma abordagem que ignora o protagonismo e a intencionalidade feminina, as mulheres traficantes são vistas exclusivamente como vitimizadas por homens criminosos. Sua participação na rede do tráfico é resultado da opressão, do medo e da falta de opção que caracterizam a vida de mulheres afetivamente envolvidas com esses homens (Frinhani e Souza, 2005)³³

A compreensão da criminalidade feminina exige uma análise que vá além da perspectiva tradicional de vitimização. Apesar do aumento expressivo da participação de mulheres no tráfico de drogas e em outros delitos, ainda persiste uma abordagem reducionista que desconsidera sua agência e protagonismo. Frequentemente, essas mulheres são retratadas apenas como figuras passivas, influenciadas por parceiros masculinos, o que obscurece os fatores estruturais, emocionais e estratégicos que compõem suas trajetórias. Essa visão limitada não apenas perpetua estigmas, mas também compromete o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes. Estudos contemporâneos apontam que a inserção feminina no crime envolve múltiplas motivações, incluindo sobrevivência, ascensão social e resistência a contextos de desigualdade de gênero e exclusão social.

As razões para ganhar uma notoriedade é uma evidência em relação aos que possuem um status mais elevado, perpassa por um arcabouço de opiniões e conceitos formados pela grande massa e por redes informativas.

A operação de conhecimento está, assim, ligada ao utensílio nacional que os contemporâneos utilizavam para tornar sua própria sociedade menos opaca ao entendimento. Nas definições antigas (por exemplo, a do Dicionário universal de Furetière em sua edição de 1727), as acepções correspondentes à palavra "representação clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Na primeira acepção, a representação é o instrumento de um conhecimento imediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma "imagem" capaz de repô-lo em memória e de "pintá-lo" tal como é.³⁴

³² BARCINSKI, Mariana. *Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina*. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p, 53

³³ BARCINSKI, Mariana. *Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina*. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p, 55

³⁴ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. São Paulo. Editora: Estudos Avançados vol.5, 1991, p. 184

O envolvimento feminino na criminalidade vem de forma progressiva, crescendo o número a cada dia, mas ainda assim há uma visão romântica com o meio feminino é dada com menosprezo, que mulher não mata, não rouba ou não trafica. Essa ideia está sendo questionada por meio de estudos e de dados de que as mulheres têm as mesmas oportunidades em comparação aos homens tanto para trabalhos honestos quanto para a criminalidade.

Provavelmente pelo atestado papel dos homens na iniciação criminosa de mulheres, há ainda pouco interesse acadêmico acerca da criminalidade feminina e das especificidades da inserção e da participação de mulheres em atividades criminosas. Apesar do crescente aumento da participação feminina no tráfico de drogas no Brasil, por exemplo, as mulheres traficantes permanecem invisíveis, tendo suas particularidades apagadas em função do papel primordial desempenhado pelos homens em suas “trajetórias criminosas”.³⁵

Essa ligação entre tráfico e gênero pode ser considerada algo distante da normalidade para a maioria das pessoas, ainda mais uma mulher possuir um alto status na criminalidade em sua cidade de Lauro de Freitas. Isso faz entender que a sexualidade foi um marco crucial para o desenvolvimento de sua popularidade, principalmente por ganhar espaço em um mundo dominado pelos ícones da masculinidade. Mesmo o fato de ser a mulher do patrão da “quebrada” não descredencia a sua participação naquele meio. Sendo assim, “o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as ‘construções sociais’ – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres.”³⁶

As teóricas do patriarcado questionaram a desigualdade entre homens e mulheres de várias maneiras importantes, mas para os(as) historiadores(as) as suas teorias colocam alguns problemas. Primeiro, enquanto estas propõem uma análise interna ao sistema de gênero, afirmam igualmente a primazia desse sistema em relação à organização social no seu conjunto. Mas as teorias do patriarcado não explicam o que é que a desigualdade de gênero tem a ver com as outras desigualdades. Segundo, que a dominação venha na forma da apropriação masculina do labor reprodutivo da mulher, ou que ela venha pela reificação sexual das mulheres pelos homens, a análise baseia-se na diferença física.³⁷

³⁵ BARCINSKI, Mariana. *Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina*. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p. 56

³⁶ SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989, p. 7

³⁷ SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989, p. 10

A razão desta separação de gênero faz entender que o mundo vivido pelas mulheres é diferente do mundo dos homens, algo que Scott (1989)³⁸ afirma que é o contrário, que ambos os sexos estão no mesmo espaço e tempo, importantes para a construção de fatos históricos. Com o aumento da participação feminina no tráfico, outra estatística é o número de encarceramentos feminino e assassinados em decorrência ao “comércio de drogas”. Barcinski traz abaixo um levantamento importante sobre o aprisionamento feminino.

Dados do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN) apontam para uma taxa de crescimento de cerca de 38% no encarceramento feminino no Brasil entre os anos de 2004 a 2008, taxa significativamente maior que a do encarceramento masculino no mesmo período. Um dado adicional importante é que 40% das mulheres encarceradas entre esses anos foram sentenciadas pelo crime de tráfico de drogas (Centro pela Justiça e pelo Direito Internacional 2007).³⁹

Segundo Barcinski, apesar do crescimento significativo da participação feminina no tráfico de drogas, essa temática ainda recebe pouca atenção na produção acadêmica. As mulheres envolvidas nesse universo costumam ser ignoradas ou vistas apenas como vítimas da figura masculina.⁴⁰ No entanto, assim como Kelly Cyclone conquistou notoriedade no crime, em grande parte devido à exposição midiática, outras mulheres também podem alcançar essa representatividade, o que pode contribuir para o aumento das estatísticas sobre a relação entre o gênero feminino e o tráfico de drogas. Um fator essencial nesse debate é a representatividade. Segundo Chartier (1991),⁴¹ Relata que a representação torna visível aquilo que está ausente, estabelecendo uma distinção entre o objeto representado e sua imagem. Ao mesmo tempo, ela também confere presença pública a algo ou alguém, transformando o ausente em algo perceptível e socialmente reconhecido.

Apesar do expressivo aumento da criminalidade feminina no Brasil, especialmente da participação de mulheres no tráfico de drogas, esse cenário ainda não justifica um proporcional interesse acadêmico pelo tema.

³⁸ SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989, p. 8

³⁹ BARCINSKI, Mariana. *Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina*. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p, 54

⁴⁰ BARCINSKI, Mariana. *Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina*. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p, 55.

⁴¹ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. São Paulo. Editora: *Estudos Avançados vol.5*, 1991, p. 184

A partir de uma abordagem que ignora o protagonismo e a intencionalidade feminina, as mulheres traficantes são vistas exclusivamente como vitimizadas por homens criminosos.⁴²

É fundamental estabelecer um paralelo entre Kelly Cyclone e outras mulheres ativas no tráfico de drogas atualmente. Como citado anteriormente, muitas pessoas entram nesse universo devido a laços afetivos com um membro do crime organizado. Barcinski ressalta que "ela se envolve no tráfico de drogas – voluntariamente ou não – como resultado de seu relacionamento afetivo com um “bandido”⁴³. No entanto, há diversas razões para a permanência no tráfico: a busca por poder, o reconhecimento dentro da comunidade e, principalmente, a necessidade de sobrevivência, garantindo meios para não passar fome.

Por meio desta ideia é possível concluir que a formação do conceito da representatividade se faz devido à ausência daquilo que a representa e a outra é a apresentação de uma presença. Sendo assim pode se afirmar que o mundo das representações, neste trabalho, passa por uma visão construída pelos detentores das redes informativas, agindo como peça fundamental para a divulgação de pessoas, objetos e imagens, promovendo assim uma imagem que, por muitas vezes, considerada deturpada, mas passa a exercer uma papel influenciador. “Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada”⁴⁴, realidade presente da vida de Kelly Cyclone, mesmo tendo um final trágico, conseguiu se tornar conhecida em Salvador e algumas cidades da Bahia.

MORTE E ESPETACULARIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

A morte de Kelly Cyclone não representou apenas o fim trágico de uma jovem envolvida no tráfico de drogas. Sua morte se tornou, paradoxalmente, seu último grande espetáculo midiático. A forma como sua morte foi noticiada, visualmente registrada e compartilhada revela camadas profundas da espetacularização da

⁴²BARCINSKI, Mariana. **Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina**. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012 p. 54-55

⁴³ BARCINSKI, Mariana. **Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina**. Porto Alegre, 2012. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012, p. 55.

⁴⁴ CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. São Paulo. Editora: **Estudos Avançados vol.5, 1991, p. 185**

violência, especialmente quando se trata de corpos femininos, negros ou periféricos. Tal fenômeno tornou-se recorrente, sendo amplamente explorado como recurso para a comercialização de conteúdo e entretenimento dirigido às massas, frequentemente atraídas por narrativas de caráter sensacionalista e sanguinolento. Gradualmente, aquilo que outrora provocava repulsa passou a ser naturalizado no imaginário coletivo, refletindo um processo de dessensibilização diante da violência e do sofrimento humano.

Reportagens do jornal Correio 24 Horas e portais como Salobro Bahia e BNews divulgaram, na época, detalhes explícitos da cena do crime e imagens de seu corpo no Instituto Médico Legal (IML), em condições de semi desnudamento e com sinais de violência⁴⁵. O vazamento desses vídeos, mais tarde atribuídos a servidores do próprio IML, causou indignação pública, mas também gerou grande audiência. Essa contradição escancara a naturalização da exposição de corpos vulneráveis como parte da lógica midiática do consumo do sofrimento alheio. A cobertura midiática da morte de Kelly não se limitou à exposição dos fatos. Houve um investimento contínuo em narrativas ambíguas, especulativas e sensacionalistas. Termos como “patroa do tráfico”, “dama do pó”, “rainha da favela” ou “musa do crime” alimentaram uma curiosidade coletiva em torno de sua figura. Essa ambiguidade entre o fenômeno midiático e o crime sustentou a atenção midiática, transformando o luto em espetáculo de consumo.

Segundo Rita Laura Segato (2003)⁴⁶ o corpo feminino é frequentemente o “território onde se escreve a mensagem do poder” em muitas situações de feminicídio. A espetacularização da violência contra Kelly inscreve-se nesse paradigma: seu corpo morto, invadido e explorado, torna-se objeto de uma curiosidade pública que reflete não apenas a misoginia, mas também o racismo estrutural⁴⁷ e o desejo punitivista da sociedade. Por que o corpo de Kelly e não o de outros envolvidos com o tráfico foi tão exposto? A resposta reside no fato de que, enquanto mulher pobre e periférica, ela ocupava um lugar simbólico que autoriza sua desumanização. A câmera percorre o corpo morto como se ele ainda estivesse

⁴⁵ [Ocorrido há 10 anos, assassinato de Kelly Cyclone segue sem solução - Jornal Correio \(correio24horas.com.br\)](https://www.correio24horas.com.br/ocorrido-ha-10-anos-assassinato-de-kelly-cyclone-segue-sem-solucao-jornal-correio) Acesso: 21/11/2022

⁴⁶ SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia*. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

⁴⁷ Para Achille Mbembe racismo estrutural é uma forma de discriminação racial enraizada nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, funcionando como um sistema histórico que distribui privilégios e desvantagens com base na raça, e não apenas como atitudes individuais de preconceito.

vivo, ativando a curiosidade pública por meio de uma fetichização da dor. Como explica Rita Segato (2003)⁴⁸, essa exposição é parte de uma pedagogia da crueldade, em que o corpo feminino, já violado, ainda é explorado em sua morte como espetáculo disciplinador.

O corpo feminino, sobretudo o corpo das mulheres pobres, negras e periféricas, é transformado em território de dominação. Ele deixa de ser visto como um sujeito de direitos e passa a ser concebido como um espaço público disponível para a inscrição de mensagens de poder. Os ataques, os abusos e os assassinatos de mulheres funcionam como recados sociais que afirmam a quem pertence o controle do território e da vida, deixando claro quem tem o poder de decidir sobre a dignidade e a morte.⁴⁹

A partir de Achille Mbembe (2018)⁵⁰ e sua teoria da necropolítica, é possível compreender essa dinâmica: a exposição pública do corpo negro oriundo de territórios periféricos, inclusive após a morte, integra uma dinâmica de necropolítica, na qual se evidencia o exercício de soberania do Estado e dos meios de comunicação sobre a definição de quais vidas são reconhecidas como dignas de luto e quais são descartáveis. Tal prática evidencia a persistência de estruturas que autorizam a violação da dignidade humana, mesmo postumamente, a depender de marcadores sociais como raça, classe e território. A morte de Kelly foi não apenas um assassinato, mas uma performance pública da violência, reforçada por imagens vazadas que circulam como troféus midiáticos.

Política neste caso, não o avanço de um movimento dialético da razão. A política só pode ser traçada como uma transgressão em espiral, como aquela diferença que desorienta a própria ideia do limite. Mais especificamente a política é a diferença colocada em jogo pela violação do tabu.⁵¹

No Brasil, a mídia exerce um papel central na construção de discursos que desumanizam certos indivíduos, principalmente quando estes pertencem às periferias ou têm seu corpo marcado por gênero e raça. Para Segato (2014) aponta que a violência de gênero não é apenas um problema privado, mas sim um

⁴⁸ SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia*. Buenos Aires: Prometeo, 2003, p. 122.

⁴⁹ SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. 2. ed. Buenos Aires: Universidad de Quilmes, 2014, p. 115.

⁵⁰ MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Tradução de Renata Santini*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

⁵¹ MBEMBE, Achille. *Necropolítica. Tradução de Renata Santini*. São Paulo: n-1 Edições, 2018, p. 16.

fenômeno político e social que disciplina corpos e reproduz desigualdades⁵². Ao expor de forma repetitiva imagens de violência e ao associar determinadas pessoas ao perigo ou à criminalidade, a mídia contribui para um processo simbólico de eliminação social. Essa lógica, como discutida por autores como Achille Mbembe e Rita Segato, mostra que a punição não acontece apenas pela força física, mas também por meio da exposição, da humilhação pública e da destruição da dignidade.

Historicamente, como lembra Mbembe, a modernidade carregou consigo uma forma racionalizada de eliminação de inimigos, como ocorreu na Revolução Francesa. O que antes era privilégio do Estado, decidir quem deve morrer, hoje parece se espalhar pela sociedade através da mídia, que ajuda a determinar quem “merece” morrer, ser esquecido ou ser exibido como exemplo de punição. No caso de Kelly Cyclone, isso se expressa claramente: a forma como seu corpo foi tratado após a morte não foi apenas um erro, mas um retrato da lógica necropolítica que ainda marca os discursos e práticas midiáticas no Brasil.

Nessa direção, o entendimento da noção de necropolítica pode possibilitar a oxigenação dos movimentos que fazem resistência ao capitalismo em sua versão neoliberal. No momento em que uma política da morte busca eliminar todos aqueles que são descartados e excluídos do sistema capitalista, sejam eles os moradores da periferia, negros, desempregados ou refugiados, as análises de Achille Mbembe mostram-se potentes para decifrar o lugar que o racismo estrutural ocupa nesses processos.⁵³

A mídia, nesse cenário, assume papel central. Como aponta Rita Laura Segato (2003)⁵⁴, a misoginia não é apenas um preconceito individual, mas um eixo estruturante das relações sociais, sustentando práticas institucionais e legitimando formas de controle sobre o corpo feminino. A insistência na divulgação de imagens de Kelly após sua morte responde não apenas a critérios editoriais, mas a uma cultura visual em que o corpo da mulher é visto como disponível para exposição, violação simbólica e consumo público. O corpo masculino morto desperta indignação; o corpo feminino morto, sobretudo quando marcado por estigmas de

⁵² SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. 2. ed. Buenos Aires: Universidad de Quilmes, 2014, p. 115.

⁵³ SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. 2. ed. Buenos Aires: Universidad de Quilmes, 2014, p. 141.

⁵⁴ SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

gênero e território, entretém e reafirma a pedagogia da crueldade. Para a autora, a exibição midiática de corpos violentados funciona como espetáculo, produzindo audiência e naturalizando a crueldade no cotidiano⁵⁵.

“Na contemporaneidade, a violência adquire um caráter espetacular. As cenas de crueldade, transmitidas pela mídia ou compartilhadas socialmente, não apenas informam, mas produzem prazer, fascínio e audiência. O sofrimento alheio é consumido como espetáculo, transformando o corpo violentado em mercadoria simbólica. Esse processo reforça a pedagogia da crueldade, pois ao mesmo tempo em que se denuncia a violência, ela se legitima e se normaliza como parte do entretenimento e da vida pública.”⁵⁶

A cobertura midiática da morte de Kelly Cyclone revela de forma contundente o que Guy Debord (2005) descreve como o funcionamento da sociedade do espetáculo. Mais do que simples registros, as imagens de seu corpo morto representam uma transformação da violência real em representação, na qual “tudo o que era diretamente vivido se afastou em uma representação” (Debord, 2005, tese 1)⁵⁷. Nesse processo, o espetáculo não é apenas “um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (Debord, 2005, tese 4)⁵⁸, o que evidencia que o problema não reside somente no ato de fotografar ou filmar, mas na forma como tais registros estruturam a relação entre sociedade e violência.

Ao serem reiteradas nos noticiários e redes sociais, essas imagens adquirem status de mercadoria-vedeta, produtos visuais com apelo emocional que centralizam atenção e vendem audiência, reforçando a lógica apresentada no capítulo *A Mercadoria como Espetáculo*. Trata-se de uma mercantilização do sofrimento que, segundo Debord, produz uma aceitação passiva do que é apresentado, pois “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 2005, tese 12)⁵⁹. Além disso, o espetáculo funciona como “auto-retrato do poder” (Debord, 2005, tese 24)⁶⁰,

⁵⁵BONTEMPO, Valéria Lima. *NECROPOLÍTICA E A PRODUÇÃO DE "MUNDOS DE MORTE": MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018, p. 559.

⁵⁶SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. 2. ed. Buenos Aires: Universidad de Quilmes, 2014, p. 141.

⁵⁷DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005, p. 8.

⁵⁸DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005, p. 9.

⁵⁹DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005, p. 12.

⁶⁰DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005, p. 15-16.

legitimando, no caso de Kelly, uma ordem social necropolítica que, como argumenta Mbembe, decide quais vidas são dignas de luto e quais podem ser expostas como forma de punição pública.

A curiosidade em torno do cadáver de Kelly não foi aleatória. Ela já era, em vida, uma figura marcada pela ambiguidade: sensualizada, criminalizada e admirada. Em morte, essa ambiguidade se converteu em espetáculo. Os termos usados nos noticiários – “Dama do Pó”, “Rainha do Tráfico”, “Bandida ou mocinha?” ecoaram também em títulos pós-morte, oscilando entre julgamento moral e fetichização.

“O corpo feminino se transforma em território de inscrição de mensagens de poder. As mulheres de Ciudad Juárez, assassinadas com requintes de crueldade, não são vítimas isoladas, mas veículos de uma mensagem coletiva: nelas se escreve a soberania de grupos armados, de máfias locais e de poderes paralelos. O feminicídio, assim, não é apenas um crime contra uma pessoa, mas uma declaração política sobre quem detém o controle do território, quem pode decidir sobre a vida e a morte, e quem impõe sua lei sobre a comunidade.”⁶¹

Além disso, a violação de sua privacidade post-mortem reforça o que Judith Butler (2015)⁶² chamou de “quadros de guerra”: as molduras cognitivas que determinam quais vidas merecem luto e quais mortes são passíveis de espetáculo. A morte de Kelly, assim como de tantas outras mulheres pobres da periferia, não suscitou luto público nem medidas de responsabilização amplas. O que se produziu foi a reafirmação simbólica da lógica necropolítica: corpos femininos marcados pela pobreza e pela marginalização social são alvos de extermínio e, em seguida, de espetáculo.

“Determinados corpos não são reconhecidos como dignos de luto. São vidas desvalorizadas, vistas como descartáveis, cuja morte não gera comoção, mas consumo. Essa desumanização é reforçada pela espetacularização da violência, que transforma a morte em um acontecimento midiático. O corpo exposto deixa de ser pessoa e passa a

⁶¹BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SEGATO, Rita Laura. *Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura no corpo das mulheres assassinadas em Ciudad Juárez*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265-285, maio/ago. 2005, p. 279.

⁶²BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ser signo, mensagem e mercadoria, um objeto de circulação simbólica que reforça desigualdades de gênero, raça e classe.”⁶³

Portanto, a análise do discurso em torno da morte de Kelly Cyclone revela muito mais do que sensacionalismo midiático. Trata-se de um mecanismo de reafirmação do poder sobre corpos racializados e generificados. A espetacularização de sua morte não é exceção, mas regra em uma sociedade que administra suas desigualdades através da exibição pública da punição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho alcançou o objetivo de analisar como a mídia, em suas dimensões tradicionais e digitais, contribuiu para a construção da figura de Kelly Cyclone como um fenômeno midiático contemporâneo vinculado ao tráfico de drogas, ao mesmo tempo em que reforçou estigmas sociais e reproduziu relações de poder. A pesquisa evidenciou que a trajetória de Kelly não se explica apenas por sua inserção individual em práticas criminosas, mas sobretudo pela forma como foi narrada e espetacularizada pelos meios de comunicação, que transformaram sua vida e morte em mercadoria simbólica. Dessa forma, o objetivo geral do estudo foi cumprido, ao revelar que os discursos midiáticos operam na produção de verdades sociais, legitimando desigualdades e naturalizando a mercantilização da violência.

Entre os aspectos identificados no campo de estudo, destacou-se a espetacularização do corpo feminino, negro e periférico, cujo valor simbólico foi manipulado em função da lógica midiática de consumo. A exposição do cadáver de Kelly no Instituto Médico Legal, divulgada por veículos de comunicação e replicada em redes sociais, exemplifica aquilo que Achille Mbembe (2018) define como necropolítica: a administração da morte e a determinação de quais vidas merecem luto e quais podem ser descartadas ou exploradas como espetáculo. Esse episódio revela que, no Brasil, a mídia não apenas noticia a violência, mas participa ativamente de sua produção e normalização, transformando dor e sofrimento em produtos de audiência.

⁶³SEGATO, Rita Laura. **Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura no corpo das mulheres assassinadas em Ciudad Juárez**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265-285, maio/ago. 2005, p. 283.

Outro ponto fundamental identificado foi a ambivalência da visibilidade feminina no tráfico de drogas. Se, por um lado, Kelly rompeu com o padrão de invisibilidade imposto às mulheres nesse universo, por outro, sua representação foi atravessada por discursos que a reduziram a estereótipos de sensualidade e criminalidade. Essa ambivalência confirma a necessidade de repensar a criminalidade feminina para além da ótica reducionista da vitimização, reconhecendo a agência das mulheres em contextos de desigualdade. Como observa Segato (2003), o corpo feminino é frequentemente transformado em território de inscrição de mensagens de poder, sendo disciplinado por práticas sociais e midiáticas que reforçam sua objetificação. Nessa linha, Scott (1989) destaca que o gênero deve ser compreendido como categoria de análise central, capaz de explicar não apenas desigualdades entre homens e mulheres, mas também sua interseção com outras estruturas sociais.

Esse debate ilumina ainda uma questão estrutural: a desigualdade social que atravessa as vidas de sujeitos periféricos. O caso de Kelly, marcada pela ausência de oportunidades e pela estigmatização territorial, demonstra que a mídia, ao individualizar responsabilidades e ocultar fatores sociais, reforça a lógica excludente que sustenta o tráfico. Ao atribuir ao indivíduo o peso de sua trajetória, os discursos midiáticos obscurecem o papel do Estado, a seletividade penal e a marginalização de jovens negros e periféricos. Nesse sentido, como aponta Foucault (2008), o discurso funciona como prática de poder que produz subjetividades e delimita quais narrativas podem ser reconhecidas como verdadeiras.

A partir desses achados, algumas reflexões se impõem. É necessário avançar na discussão sobre limites éticos da cobertura jornalística em casos de violência, sobretudo no que diz respeito à exposição de corpos vulneráveis. Do mesmo modo, cabe à academia ampliar os estudos sobre criminalidade feminina, deslocando-a da invisibilidade e da leitura exclusivamente vitimista, para compreendê-la como fenômeno multifacetado que envolve agência, sobrevivência e disputas de poder. Além disso, deve-se refletir sobre políticas públicas e culturais que combatam a naturalização da violência midiática, promovendo não apenas regulamentação institucional, mas também práticas comunicacionais que assegurem a dignidade humana como princípio fundamental.

Em síntese, o estudo da trajetória de Kelly Cyclone demonstra que a mídia não apenas narra a realidade, mas a constrói, ao selecionar quais histórias merecem

ser lembradas e quais vidas podem ser esquecidas. Sua vida e morte revelam o entrelaçamento de gênero, raça, classe e criminalidade na produção de narrativas midiáticas, evidenciando que a violência contra corpos periféricos não constitui exceção, mas regra em uma sociedade orientada pela necropolítica e pelo espetáculo. Revisitar esse episódio significa, portanto, mais do que compreender um caso específico: é assumir uma postura crítica diante dos discursos midiáticos, reconhecendo sua capacidade de moldar percepções sociais, legitimar desigualdades e desumanizar sujeitos. Esse exercício crítico reafirma a relevância da análise do discurso como ferramenta teórica e metodológica para compreender os modos como a mídia constrói realidades e, ao mesmo tempo, convida à elaboração de novas práticas sociais e comunicacionais que se pautem pelo respeito à dignidade humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BAHIA JÁ. Kelly Cyclone, a mídia e os vendedores de notícias. Disponível em: <http://bahiaja.com.br/cultura/noticia/2011/07/26/kelly-cyclone-a-midia-e-os-vendedores-de-noticias-por-jaciara-santos.38892.0.html>. Acesso em: 11 set. 2019.

BAHIA JÁ. Kelly Cyclone, a mídia e os vendedores de notícias. Disponível em: <http://www.bahiaja.com.br/artigo/2011/07/26/kelly-cyclone-a-midia-e-os-vendedores-de-noticias,619,0.html>. Acesso em: 22 ago. 2019.

BARCINSKI, Mariana. **Mulheres no tráfico de drogas: a criminalidade como estratégia de saída da invisibilidade social feminina**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BOCÃO NEWS. Kelly Cyclone revela detalhes sobre fama de “patroa do tráfico”. Disponível em: <http://www.bocaonews.com.br>. Acesso em: 10 ago. 2022.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, p. 183-185, 1991.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CORREIO 24 HORAS. Do pó à fama: como Kelly Cyclone se tornou a primeira digital influencer baiana. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br>. Acesso em: 18 out. 2022.

CORREIO 24 HORAS. Ocorrido há 10 anos, assassinato de Kelly Cyclone segue sem solução. Disponível em: <http://www.correio24horas.com.br>. Acesso em: 12 nov. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. In: VV.AA. Cadernos de Pesquisa, n. 63, p. 101–129. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2002.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Francisco Alves; Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

FRINHANI, Fernanda de Souza; SOUZA, Luís Antônio Francisco de. **Mulheres e criminalidade: uma revisão crítica**. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 13, n. 55, p. 241-262, 2005.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007.

JORNAL GGN. A relação entre desigualdade e criminalidade. Disponível em: <http://jornalgggn.com.br>. Acesso em: 17 out. 2022.

MAYO, Claudenice Teixeira Cerqueira. **O adolescente pobre e o envolvimento com o tráfico de drogas em Salvador-BA. 2016**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **O processo “barbarizador”: reflexões sobre a desigualdade e a violência urbanas no Brasil**. Coimbra, 2004.

SALOBRO. Kelly Cyclone revela detalhes sobre fama de “patroa do tráfico” ao Bocão News. Disponível em: <http://salobro.com>. Acesso em: 22 out. 2020.

SCOTT, Joan W. **Gender: a useful category of historical analysis**. In: SCOTT, Joan W. **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1989. p. 1053-1075.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia: ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos**. 2. ed. Buenos Aires: Universidad de Quilmes, 2014.

SEGATO, Rita Laura. **Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura no corpo das mulheres assassinadas em Ciudad Juárez**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 265-285, maio/ago. 2005.

TRINDADE, Eneida dos Santos. ***Modos de leitura em jornais digitais: uma análise discursiva do papel interativo do leitor***. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2015.